

UMA NOVA FORMA DE VER E SE RELACIONAR COM O MUNDO: NARRATIVAS DE PRODUTORES E PRODUTORAS AGROECOLÓGICOS NA CIDADE DE PELOTAS, RS

LAIS SCHILLIM DA SILVA¹; ALESSANDRA GASPAROTTO²

¹Universidade Federal de Pelotas – lais41499@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – sanagasparotto@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

No período que concerne a Segunda Guerra Mundial, inovações tecnológicas e químicas foram aperfeiçoadas visando suprir os interesses do conflito bélico que havia se instalado. Neste momento, armas químicas são difundidas nos campos de batalha, fazendo com que sua indústria ganhasse proporção. Quando a guerra chega ao fim, as indústrias químicas procuram um novo mercado para escoar seus produtos. O destino dessas substâncias passa a ser então os campos da agricultura industrial. A adoção da forma de cultivo das monoculturas prepara o cenário onde os pesticidas ganharam visibilidade.

Neste momento os ideais da necessidade da realização de uma modernização da agricultura ganham espaço, no que é chamado Revolução Verde. Este período é marcado pela busca da superação dos ciclos naturais de plantio, onde os agrotóxicos são capazes de acelerar o tempo de crescimento dos alimentos. A agricultura moderna, traz junto de si a separação entre homem e natureza, onde o primeiro passa a ser pensado de forma autônoma do ambiente em que vive. (ASSIS; ROMEIRO, 2002). Em 1970, como forma de estabelecer uma base teórica para movimentos que buscam uma agricultura sustentável, nasce a agroecologia (como ciência), capaz de propor alternativas viáveis a outras formas de relação com a natureza (ASSIS; ROMEIRO, 2002). Já em 1985 problemas ambientais que até então não haviam causado preocupação comesçassem a fazer parte do cenário global.

Com o intuito de resgatar práticas que foram utilizadas antes da introdução dos químicos, o fazer agroecológico, valendo-se de ciência e tecnologia, pretende construir agroecossistemas de alta produtividade, que se integrem de forma mais natural possível ao meio ambiente. Mesmo que possibilidades social e ambientalmente mais justas tenham sido pensadas, os problemas ambientais que a agricultura convencional tem causado, ainda são realidades longe de serem solucionadas (WALLACE, 2020). Pautar-se nas experiências de pequenos produtores, que ao realizarem a transição para uma agricultura mais justa com o local onde produz, e para com aqueles que consomem seus frutos, se faz essencial.

Logo, os objetivos do trabalho recairão sobre pontos que ajudem a investigar os motivos que levam pequenos produtores rurais na região de Pelotas, Rio Grande do Sul, a optarem pela agroecologia, a partir da construção de narrativas que possibilitem contar suas trajetórias de vida. Examinando assim as possibilidades e os desafios do fazer agroecológico, a partir das memórias de tais produtores locais. Estas, possibilitarão analisar como os agrotóxicos foram introduzidos na região Sul e seus usos no tempo presente. Procurando entender, a partir das entrevistas, como ocorre a mudança na forma de produção do convencional para o ecológico, bem como de que forma esses produtores se

organizam coletivamente, analisando suas estratégias para que as reivindicações sejam ouvidas.

Thompson (1965) quando propõe uma história vista de baixo, fala da importância de se estudar o agricultor “ultrapassado”, que agora é suplantado pela moderna indústria. Atribuir à prática agroecológica uma volta ao passado, mesmo que se utilize de formas complexas de integração dos ecossistemas para alcançar alta produtividade, ainda parece ser consenso na opinião pública (ASSIS; ROMEIRO, 2002). Entender quem são os produtores que, mesmo que em minoria, se impõe contra a exploração desmedida dos recursos naturais, proporciona entender outros contextos de disputa.

2. METODOLOGIA

O trabalho se apoiará na metodologia de História Oral Temática (MEIHY, 2006), já que contará com análise documental. Sendo assim, será elaborado um questionário que será o norteador das entrevistas. No que concerne à análise documental, serão elencados os documentos da Legislação Brasileira Sobre Agrotóxicos, documentos oficiais do governo, documentos relacionados à Agência Nacional de Vigilância Sanitária. Estes proporcionarão entender o contexto de disputas que os entrevistados estão imersos.

A história oral tem registrado inúmeras narrativas, que podem ser utilizadas de forma a colaborar com a construção da História do Tempo Presente, já que a característica básica desta teoria é a existência de testemunhas vivas, que possam contestar o pesquisador naquilo que foi dito, pois o historiador faz-se parte do momento histórico no qual está inserido (DELGADO; FERREIRA, 2013).

Esta metodologia, busca a construção de narrativas, a partir dos seguintes procedimentos: escrita do projeto; delimitação do grupo com o qual se trabalhará; elaboração de um roteiro; realização da entrevista, sua gravação, transcrição, a autorização por parte do entrevistado para uso do material e, por fim, sua análise e arquivamento. Os resultados obtidos através da pesquisa, assim como o trabalho em si, devem sempre retornar para junto daqueles que contribuíram com seus relatos orais.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Realizando aquilo que Thompson (1996) preconizava como uma História Vista de Baixo, possibilita alcançar as nuances da construção de memórias coletivas de diferentes comunidades e sua forma de pensar a identidade do grupo (HALBWACHS, 2003). O fazer histórico proporciona aos pesquisadores “explorar as experiências históricas daqueles homens e mulheres, cuja existência é tão frequentemente ignorada, tacitamente aceita ou mencionada apenas de passagem na [...] história” (BURKE, 1992, p. 41).

Orientar as pesquisas levando em consideração os relatos daqueles que estão imersos nos conflitos sociais de nosso tempo, permite que a escrita da história “[...] seja menos um fator de alienação e mais de transformação” (MEIHY, 2006, p. 200). Em meio aos embates que se impõe frente “à era da informação total e da informação como uma commodity é, de um lado, a palavra e, de outro, o silêncio” (PORTELLI, 2000, p. 71). E entender os silêncios e os apagamentos se faz fundamental.

Através da oralidade temos acesso a importantes “construções memoriais, individuais e coletivas. São diferentes sujeitos e testemunhas da história que [...], relatam suas experiências de vida, as quais se convertem em documentos

passíveis de crítica e análise” (DELGADO; FERREIRA, 2013, p. 28). A partir dos conceitos de Memória e Identidade (CANDAU, 2012) é possível elencar a relação do indivíduo e a comunidade onde se insere, buscando compreender as transformações locais, que afetam os que dela fazem parte. Logo, a memória e a identidade “são valores disputados em conflitos sociais” (POLLAK, 1992, p. 204). Em um contexto marcado pela predominância de um modelo de agricultura que tem em sua defesa os grandes agronegócios, as narrativas dos que saem desde modo de produzir são valiosas.

Frente a um cenário político, que realizou no ano de 2020 a liberação de três mil agrotóxicos que são comercializados no Brasil¹, entender o caráter de apagamento das manifestações contrárias a estas liberação é fundamental. Este debate também demonstra a permanência de dependências coloniais nas relações comerciais que o país mantém junto de outros países (BOMBARDI, 2017). Quando o Estado decide elencar o agronegócio como fundamental para o desenvolvimento do país, deixa de lado os saberes e práticas daqueles que constroem alternativas ao modelo. A agroecologia preza por estudos interdisciplinares que se integrem aos mais variados campos e saberes. Quando a história passa a contribuir na construção dessa proposta tão necessária frente aos problemas ambientais que o mundo enfrenta, efetua uma importante contribuição. “Isso resulta em uma abertura da prática histórica sobre outras práticas, que permite novos esclarecimentos graças a esses intercâmbios frutuozos entre diferentes disciplinas” (DOSSE, 2012, p. 14-15).

“Os agronegócios multinacionais se tornaram e se mantiveram gigantescos ao traduzirem acumulação de capital em poder político” (WALLACE, 2020, p.335-336). Como pontua Mouffe (2015), é preciso desmistificar a ideia de que o advento da sociedade moderna, nos moldes em que se encontram, devem ser aceitos com passividade pelos que dela desfrutam. É preciso questionar a ideia de que os indivíduos foram liberados de seus vínculos coletivos, e agora podem desfrutar de diferentes estilos de vida, sem se preocuparem com o bem comum. Com “o enfraquecimento das identidades coletivas, hoje é possível viver em um mundo “sem inimigos”. Os conflitos sectários fazem parte do passado e o consenso pode ser alcançado por meio do diálogo” (MOUFFE, 2015, p. 1). Isso resulta no “cancelamento de todas as experiências históricas que, de algum modo, situam-se além dos limites impostos pelas ideologias liberais de livre mercado” (PORTELI, 2000, p. 67).

Portanto, através dos ideais liberais, questionar a necessidade de se debater alternativas, faz com que os debates políticos acerca dos problemas que afetam os que são destituídos de poderes de decisão, seja apaziguado. A universidade, como centro detentor de meios para lutar ao lado daqueles que buscam a mudança pautada nos conhecimentos populares, se faz fundamental ante este cenário.

4. CONCLUSÕES

A importância de questionar sobre os investimentos realizados pelo estado no setor do agronegócio, bem como a forma com que estes lidam com as pautas ambientais, se faz fundamental, ante à reprodução de falas que relegam a agricultura de pequeno porte a um papel de insuficiência. Só então será possível

¹ Repórter Brasil. Disponível em: <https://reporterbrasil.org.br/2021/01/bolsonaro-bate-o-proprio-recorde-2020-e-o-ano-com-maior-aprovacao-de-agrotoxicos-da-historia/> Acesso em: 15. Jul. 2021.

pensar a agroecologia como alternativa viável, sustentável e com os investimentos necessários, possível de rendimentos capazes de suprir a demanda de alimento de cada região onde se produz. É fundamental agir dando respaldo às reivindicações presentes no campo, tornando a universidade contribuinte da transformação que se inicia pelo conhecimento popular. Ao aplicar outra maneira de observar as disputas do rural, também entramos em contato com o depoimento daqueles que são primeiramente afetados por essas mudanças, ou seja, os pequenos produtores.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSIS, L.; ROMEIRO, A. R. Agroecologia e agricultura orgânica: controvérsias e tendências. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, n. 6, p. 67-80, jul./dez. 2002. Editora UFPR.

BOMBARDI, Larissa Mies. Geografia do uso de agrotóxicos no Brasil e conexões com a União Europeia. **FFLCH-USP**, 2017.

BURKE, Peter. A história como memória social. O Mundo como Teatro. **Lisboa: Difel**, 1992.

COSTA, Cléria Botelho da. A escuta do outro: dilemas da interpretação. **História Oral**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 2, p. 47-65, jul./dez. 2014.

CANDAU, Joël. **Memória e identidade**. [1ª ed], São Paulo: Contexto, 2012.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves; FERREIRA, Marieta de Moraes. História do tempo presente e ensino de História. **Revista História Hoje**, v. 2, nº 4, p. 19-34 - 2013.

DOSSE, François. História do Tempo Presente e Historiografia. **Revista Tempo e argumento**, Florianópolis, v. 4, n. 1 p. 05 – 22, jan/jun. 2012.

E.P. Thompson. History from Below. **The Times Literary Supplement**, 7 de abril de 1966, p. 279-80.

E.P. Thompson. **The Making of the English Working Class**. Londres, 1965, p. 12-13.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. [2ª ed], São Paulo: Centauro, 2003.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. Os novos rumos da história oral: o caso brasileiro. **Revista de História**, n. 155, dezembro, 2006, p. 191-203. São Paulo, Brasil.

MOUFFE, Chantal. **Sobre o político**. Trad. Fernando Santos. São Paulo: Martins Fontes, 2015.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. In: **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992.

PORTELLI, Alessandro. Memória e diálogo: desafios da história oral para a ideologia do século XXI. **História Oral: desafios para o século XXI**. Rio de Janeiro: Fiocruz/Casa de Oswaldo Cruz/FGV, p. 67-71, 2000.

WALLACE, Rob. **Pandemia e Agronegócio: Doenças infecciosas, capitalismo e ciência**. São Paulo: Editora Elefante, 2020.